

## MELANCOLIA E SUBJETIVIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NO CONTO *MONÓLOGO*, DE SIMONE DE BEAUVOR

Tiago Pereira da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O discurso da maternidade é recorrente na obra de Simone de Beauvoir, no ensaio *O segundo sexo* (1949), a autora já abordava a maternidade como sendo mais do que um fenômeno biológico, ação de pôr uma criança no mundo ou o ato de ser mãe. Para Beauvoir, a maternidade pode ser entendida como um fenômeno social e cultural, partindo de que os papéis sociais de mulheres e homens são construídos discursivamente. Neste contexto, analisamos o conto *Monólogo*, o segundo da coleção *La Femme Rompue*, publicada por Beauvoir em 1967, para reconhecer na literatura feminista, as formas de representações, imaginários, subjetividades do que é “ser mãe” em uma sociedade patriarcal. Este conto oferece um mergulho profundo na subjetividade e na melancolia da narradora-protagonista, Murielle, que utiliza um fluxo de consciência intenso e desordenado para relatar sua história e experiência materna. Beauvoir, através da subjetividade e da melancolia na narrativa de Murielle, oferece uma reflexão crítica sobre a experiência feminina e a maternidade. Deste modo recorremos as obras da psicanálise *Luto e Melancolia* (1917) de Freud, *Sol negro: depressão e melancolia* (1989) de Julia Kristeva, para compreendermos como se constitui o melancólico e os discursos na narrativa escrita por Beauvoir.

**Palavras-chave:** Maternidade; Melancolia; Simone de Beauvoir; Subjetividade.

## MELANCHOLY AND SUBJECTIVITY: THE REPRESENTATION OF MOTHERHOOD IN THE SHORT STORY *MONOLOGUE* BY SIMONE DE BEAUVOR

**ABSTRACT:** The discourse on motherhood is a recurring theme in Simone de Beauvoir's work. In *The Second Sex* (1949), the author addresses motherhood as more than a biological phenomenon, an act of bringing a child into the world, or the act of being a mother. For Beauvoir, motherhood can be understood as a social and cultural phenomenon, given that the social roles of women and men are constructed discursively. In this context, we analyze the short story *Monologue*, the second story in the collection *The Woman Destroyed*, published in 1967, to recognize in feminist literature the forms of representation, imaginaries, and subjectivities of what it means to "be a mother" in a patriarchal society. This story offers a deep dive into the subjectivity and melancholy of the narrator-protagonist, Murielle,

---

<sup>1</sup>Mestrando em Letras-Literatura e Crítica Literária, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás; Pós-graduando em Tradução pela Faculdade Cultura Inglesa (SP); Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). E-mail: thiago5679@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2743-0872>.

who uses an intense and disordered stream of consciousness to recount her story and maternal experience. Through the subjectivity and melancholy in Murielle's narrative, Beauvoir provides a critical reflection on the female experience and motherhood. Thus, we turn to psychoanalytic works such as Freud's *Mourning and Melancholia* (1917) and Julia Kristeva's *Black Sun: Depression and Melancholia* (1989) to understand how melancholy is constituted and how discourses are framed in Beauvoir's writing.

**Keywords:** Melancholy; Motherhood; Simone de Beauvoir; Subjectivity.

## Introdução

Simone de Beauvoir, filósofa, romancista, memorialista e ensaísta francesa nascida em Paris em 1908, é amplamente conhecida por sua obra seminal *O Segundo Sexo* (1949), que revolucionou a análise da condição feminina ao examinar a experiência vivida das mulheres através de uma perspectiva inovadora. Em vez de se limitar a análises dominantes e unilaterais, Beauvoir reverteu o olhar para as mulheres, buscando compreender o que significa ser mulher em diferentes estágios da vida, desafiando as narrativas dominantes sobre poder e subordinação (Kirkpatrick, 2020, p. 240).

Neste contexto, analisaremos o conto *Monólogo*, o segundo da coleção *La Femme Rompue*, publicada por Beauvoir em 1967, e traduzido para o português como *A Mulher Desiludida* por Helena Silveira e Maryan A. Bon Barbosa em 1968. Este conto oferece um mergulho profundo na subjetividade e na melancolia da narradora-protagonista, Murielle, que utiliza um fluxo de consciência intenso e desordenado para relatar sua história pessoal e experiência materna.

A narrativa de Murielle é marcada pela pouca utilização de pontuação, refletindo um turbilhão de pensamentos e emoções que expõem sua profunda solidão e frustração. O conto aborda relações complexas constituídas a partir da maternidade e a carga emocional do “ser mãe”, além de abordar os relacionamentos passados da personagem, incluindo suas dores com ex-maridos, a perda de uma filha adolescente e as relações tumultuadas com familiares.

O mundo refletido na subjetividade de Murielle não segue uma ordem cronológica, mas é a partir da linguagem que se constrói os sujeitos e a história da personagem, deste modo recorremos a obras sobre psicanálise, *Luto e Melancolia* (1917), de Freud, e *Sol negro: depressão e melancolia* (1989), de Julia Kristeva, para compreendermos como se constitui o melancólico e os discursos na narrativa que nos são trazidos por Murielle.

Portanto, o objetivo deste estudo é analisar como Beauvoir, por meio da subjetividade e da melancolia na narrativa de Murielle, oferece uma reflexão crítica sobre a experiência feminina e a maternidade, destacando como essas experiências moldam a identidade e o sofrimento da protagonista, e reconhecer, na literatura feminista, as formas de representações, imaginários, subjetividades do que é “ser mãe” em uma sociedade patriarcal. Ao examinar a construção estilística e temática do conto, buscamos entender como Beauvoir explora a interseção entre a memória pessoal e a construção social das mulheres, oferecendo uma visão mais rica e complexa da condição feminina.

## A Melancolia na Configuração da Narrativa

“Ela se vinga com o monólogo”, é com essa frase emblemática de *L'Education sentimentale* (1869), de Flaubert, que damos início ao *Monólogo*, de Murielle. Mas bem que o conto poderia iniciar com a célebre frase “O inferno são os outros” proferida na peça teatral *Entre quatro paredes* (1970), de Sartre. Estas frases são interessantes porque nelas há uma combinação de observações e impressões que podemos ter ao ler os pensamentos de Murielle, personagem central do conto, o ódio aos vizinhos e aos familiares e aos homens que passaram pela sua vida e uma tentativa de vingar-se através de um monólogo quase neurótico obsessivo de todos.

A inconformidade feroz da personagem de 43 anos, sozinha na noite de ano novo, em um fluxo de consciência abrupto sem ordem cronológica entre presente, passado e futuro, que quase beiram à loucura.

A melancolia é frequente nos devaneios de Murielle, e serve como um catalisador para a trama literária, influenciando o desenvolvimento da narrativa. No conto, a melancolia é uma força que impulsiona o enredo, que traz à tona a crise existencial da personagem e seus conflitos internos.

Na narrativa, é empregado *stream of consciousness* ou *monologue intérieur* para reproduzir a consciência da personagem, sintaticamente quase inconcebíveis, como a ausência de vírgulas e a pouca pontuação com o objetivo de fazer com que se confunda ou mesmo que desapareça por completo a impressão de uma realidade objetiva, possibilidades que não residem no campo do formal, mas na tonalidade e no contexto do conteúdo (Auerbach, 2013, p. 482).

O fluxo de consciência, na acepção de Bowling (1950) expressa de forma direta, sem rodeios os estados mentais da personagem, em um aspecto tão desarticulado, que dificilmente conseguimos estabelecer uma sequência lógica, é onde parece manifestar-se diretamente o inconsciente, trata-se segundo Bowling (1950, p. 345) de um “desenrolar ininterrupto dos pensamentos” da personagem.

Murielle, a narradora personagem, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Ela narra de um centro fixo, limitado exclusivamente as suas percepções, pensamentos e sentimentos.

Sua melancolia não apenas molda suas decisões, mas também guia a direção da trama, ao refletir a deterioração do psicológico da personagem, demonstrando como o estado emocional pode permeabilizar a narrativa e transformar a trama em um espelho das inquietações internas, o que leva a um provável desfecho trágico que fica a cargo de nossa imaginação.

Beauvoir tenta nos fornecer uma tradução dos pensamentos e da mente de Murielle, não apenas da linguagem, mas da consciência que se aplica palavra falada que formulam seus pensamentos e sentimentos em linguagem.

Eu me sinto mal lembrando aqueles tempos ninguém me convida mais para sair e eu fico aqui me aborrecendo. Estou farta estou farta farta farta farta

O fluxo de consciência é empregado durante todo o conto, podemos assim, mergulhar nos pensamentos obscuros da personagem em que pensamentos, memórias, lembranças, sentimentos e obsessões se misturam.

O monólogo interior é, portanto, a revelação de acontecimentos narrados a partir da consciência da personagem Murielle, sem necessariamente estarem ligados ao mundo externo, como as impressões acerca de alguém ou algum objeto, a imaginação narrada de um futuro improvável, a invenção de um passado, como podemos analisar em uma situação em que a personagem reflete sobre as pessoas que fazem parte de sua vida no presente e retoma uma lembrança da infância:

As pessoas não aceitam que a gente lhes diga verdades. Elas querem que a gente acredite em suas belas palavras ou ao menos que finja acreditar. Eu sou lúcida sou franca arranco as máscaras. A dondoquinha que sussurrava: “Você gosta do seu irmãozinho” E eu com uma vozinha séria: “Detesto ele.” (Beauvoir, 2010, p. 104).

Essa estrutura possui a função de mascarar a realidade objetiva, a partir da conclusão de inexatidão da narrativa, ou mesmo a impossibilidade de a obra conseguir captar a realidade objetiva. O monólogo interior marca as impressões da personagem e narradora frente a uma realidade captada através dos sentidos e intenções narrativas.

Segundo Friedman (2002), este tipo narrativo consiste em um relato generalizado que expõe uma série de eventos ao longo de um certo período e em diversos locais, sendo o modo normal e simples de narrar. Toda a narrativa acontece no apartamento de Murielle, o inconsciente se revela num ato que surpreende e ultrapassa a intenção da personagem, que fala, de modo que, ela acaba dizendo mais do que pretende dizer e, ao dizer, revela a verdade.

Os ângulos da narrativa são limitados aos sentimentos, pensamentos e percepções da personagem central, sendo mostrados diretamente, deste modo que a onisciência é seletiva como podemos observar também em obras de autoras como Virgínia Woolf e Clarice Lispector.

A utilização do monólogo como forma direta e clara de apresentação dos pensamentos e sentimentos das personagens é muito antigo, conforme afirma Leite (2022), nós o encontramos, por exemplo, em Homero, na *Odisséia*. Já o monólogo interior implica um aprofundamento maior nos processos mentais, para a autora a radicalização dessa sondagem interna da mente acaba deslanchando um verdadeiro fluxo ininterrupto de pensamentos que se exprimem numa linguagem cada vez mais frágil, sem nexos lógicos, é o deslizar do monólogo interior para o fluxo de consciência.

Roland Barthes (2004), por outro lado, contribui com a ideia da multiplicidade de significados no texto. A narrativa da personagem deve ser interpretada não apenas em termos das intenções originais de Beauvoir, mas como um espaço aberto para diversas leituras e construções de significado.

A perspectiva da personagem, com sua melancolia e sua tentativa de evitar repetir os erros de sua mãe, cria uma narrativa instável e multifacetada. Barthes (2004) argumenta que a verdade da narrativa é criada pelo leitor e pela interação com o texto, em vez de ser um reflexo direto da psicologia ou moral do autor. Assim, o caráter confuso e perturbador da narrativa da personagem pode ser visto como uma construção do leitor, que é responsável por interpretar e dar sentido às suas ações e motivações. “Imbecis! Puxei as cortinas, a claridade idiota dos lampiões e das árvores de Natal deixou de entrar no apartamento mas os ruídos atravessam as paredes” (Beauvoir, 2010, pág. 89).

No caso da personagem, o monólogo não é apenas uma tentativa frustrada de lidar com as perturbações externas, como o barulho dos vizinhos e as interrupções dos homens na rua, mas também uma manifestação de seu próprio abjeto interno. A ação de fechar as cortinas e ignorar a claridade dos lampiões e das árvores de Natal simboliza um esforço para afastar o que é insuportável, mas que, paradoxalmente, continua a invadir seu espaço psíquico.

Eu só tenho isso na vida o sono. Eles têm o direito de me arrebentar os ouvidos e de me pisotear e se aproveitam “A chata aí de baixo não pode reclamar é dia de Ano-Novo” (...) Eles vão arrebentar o teto e despencar em cima de mim (Beauvoir, 2010, p. 93).

A tentativa da personagem de escapar dos comportamentos e relações turbulentas do passado, incluindo a relação complicada com a mãe e o luto pela perda da filha, é um reflexo de seu desejo inconsciente e de sua busca por significado. Ela luta para não repetir os erros de sua mãe, mas, paradoxalmente, acaba reproduzindo padrões de comportamento autoritário e controlador, o que pode ser interpretado como uma tentativa falha de afirmar seu próprio controle e identidade em um mundo que a subordina.

Segundo Adorno (2012, p. 55), do ponto de vista do narrador, o subjetivismo não tolera nenhuma matéria sem transformá-la, solapando o preceito épico da objetividade. A premissa do conto *Monólogo* não seria atingir a objetividade das relações, mas apresentar a percepção que Murielle tem da relação construída entre todos os que estão ao seu redor, os filhos, a mãe, os ex-maridos, e amigos.

Através da leitura de Lacan (1988), podemos oferecer uma perspectiva adicional ao analisar o comportamento da personagem por meio da lente do desejo e do inconsciente. A busca da personagem por uma realidade alternativa reflete uma tentativa de escapar da realidade opressiva que ela enfrenta.

Foi em meio a essas asserções que Silva (1998, p. 10) afirmou que “O sujeito não existe”, ele é aquilo que fazemos dele. “Subjetividade e relações de poder não se opõem: a subjetividade é um artefato, é uma criatura, das relações de poder; ela não pode, pois, fundar

uma ação contra o poder”. Até mesmo porque segundo Foucault (2019) subjetividades também podem ser entendidas como frutos de mecanismos de poder.

A ideia do “objeto a” lacaniano é central aqui: o desejo da personagem por uma outra vida, mais significativa e realizada, é um desejo que nunca pode ser plenamente satisfeito, uma vez que é moldado por uma falta estrutural no inconsciente. O monólogo é, portanto, uma manifestação do seu desejo não realizado e de seu estado de alienação, que Lacan (1988) vê como uma característica intrínseca da condição humana.

Pobre raridade: ela está só no mundo. É isto que os chateia: sou correta demais. Eles gostariam de me eliminar me prenderam na gaiola. Encerrada fechada entre quatro paredes acabarei morrendo de tédio morrendo realmente. Parece que isso acontece até com crianças de peito quando ninguém se ocupa delas (Beauvoir, 2010, p. 109).

O mérito de um texto bem escrito é, sobretudo, ético: libertar o leitor, à complexidade conceitual de um texto não precisa, nem deve corresponder a obscuridade da escrita (Kehl, 2011).

Eagleton (2003) afirma que a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, existe uma desconformidade entre os significantes e os significados.

Se “um significante representa o sujeito (ou a coisa, a ideia, o conceito...) para outro significante”, não há meios de nomear uma descoberta a não ser pelo recurso literário da metáfora ou da metonímia (Kehl, 2011, p. 43-87).

A peculiaridade é justamente as formas em que os discursos são construídos no conto em um fluxo sem vírgulas e com pouca pontuação que promove “deformidade” da linguagem comum de várias maneiras.

Deste modo, Beauvoir, na narrativa cria um ambiente imerso na melancolia, onde a linguagem comum era intensificada, condensada, torcida, reduzida, ampliada, invertida. Para Eagleton (2003) uma linguagem que se “tornara estranha”, e, graças a este estranhamento, todo o mundo cotidiano transformava-se, subitamente, em algo não familiar. Assim é possível inferir que “qualquer linguagem em uso consiste em uma variedade muito complexa de discursos” (Eagleton, 2003, p. 7).

Essa tristeza inconsolável de Murielle esconde uma verdadeira predisposição para o desespero. A perda da filha descarreta e maximiza o discurso melancólico na narrativa, observa-se, como na passagem a seguir, uma sucessão das emoções, movimentos e palavras, em que palavras e sequências são quebradas, não existe mais tempo ou lugar, Murielle está presa a sua dor, e por conseguinte não consegue agir, além do monólogo interior. “Em tempos de crise, a melancolia se impõe, produz suas representações e seu saber” (Kristeva, 1989, p. 15). “Não suporto isso. Socorro eu estou mal muito mal tirem-me daqui eu não quero começar a afundar de novo não me ajudem eu não suporto mais não me deixem sozinha...” (Beauvoir, 2010, p. 107).

O *eu* no conto, deste modo, segundo Lacan (1985), é uma função imaginária, um reflexo da articulação significante, as articulações entre os significantes que são singulares para

Murielle, assim como é para cada sujeito e, portanto, a função simbólica é uma articulação de signos que irá representar alguma coisa, o que resultará em um sentido da narrativa.

O *eu* de Murielle se exprime, mas não consegue se impor no discurso, porque o melancólico não tem consciência do que ele perdeu como objeto. “Eu quero ganhar. Eu quero eu quero eu quero eu quero eu quero. Vou tirar cartas para mim. Não. Em caso de infelicidade eu me atiro pela janela não quero isso eles ficariam eufóricos demais” (Beauvoir, 2010, p. 111).

Para Freud (2010, p. 172-173), a melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. “Posso bater as botas com meu pobre coração esgotado e ninguém ficará sabendo isso me deixa morrendo de medo” (p. 98). E continua... “Morrer sozinha viver sozinha não eu não quero isso” (p. 98). “Mas há esse barulho lá fora. E eles riem na minha cara: “Ela está sozinha”. (Beauvoir, 2010, p. 99).

Em uma narrativa melancólica, o fluxo da enunciação é lento, os silêncios são longos e frequentes, os ritmos diminuem, as entonações ficam monótonas e as próprias estruturas sintáticas, sem acusarem perturbações e confusões como as que podemos observar no conto, em geral caracterizam-se por supressões não-recuperáveis (Kristeva, 1989, p. 40).

O melancólico ainda nos apresenta uma coisa que falta no luto: um extraordinário rebaixamento da autoestima, um enorme empobrecimento do *Eu*. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio *Eu* (Freud, 2010, p. 175-176).

Eles todos se uniram para me arruinar. Mesmo esta noite nem um sinal de vida. Eles sabem muito bem que nas noites de festa em que todo mundo se diverte come e trepa os solitários os enlutados se suicidam facilmente (Beauvoir, 2010, p. 101).

O melancólico para Freud (2011), nos descreve o seu ego como indigno, incapaz e moralmente desprezível; ele se recrimina, se insulta e espera ser rejeitado e humilha-se perante os demais e tem pena dos seus por estarem eles ligados a uma pessoa tão indigna. “Ninguém nunca pensa em mim. É como se eu tivesse sido apagada do mundo. Como se eu nunca tivesse existido. Será que eu existo?” (Beauvoir, 2010, p. 114).

Já para Kristeva (1989, p. 16) o termo melancolia se refere à “sintomatologia” característica da situação hospitalar, de inibição e de assimbolia, que se instala momentaneamente ou de forma crônica em um indivíduo, alternando-se na maioria das vezes com a fase chamada “mania de exaltamento”.

Para o ser falante, a vida é uma vida que tem sentido: ela constitui mesmo o apogeu do sentido. Por isto, perdendo o sentido da vida, está se perde sem dificuldade: sentido desfeito, vida em perigo (Kristeva, 1989, p. 13).

(...) morrer me descansaria se não restasse ninguém para pensar em mim; entregar a eles meu cadáver minha pobre vida!...estou cansada de lutar contra

eles mesmo quando estou sozinha eles me perseguem é desgastante que acabem com isso! (Beauvoir, 2010, p. 103).

No discurso melancólico a palavra do melancólico é repetitiva e monótona. Na impossibilidade de encadear, a frase se interrompe, esgota-se, para. Um ritmo repetitivo, uma melodia monótona vem dominar as sequências lógicas quebradas e transformá-las em litanias recorrentes, enervantes. Enfim, quando, por sua vez, se esgota ou simplesmente não consegue se instalar por força o silêncio, o melancólico, com o proferimento, parece suspender qualquer indicação (Kristeva, 1989, p. 39). “Que silêncio! Nem mais um carro nem mais um passo na rua nem mais um ruído no prédio um silêncio de morte” (Beauvoir, 2010, p. 114).

Devemos notar que o melancólico não se comporta inteiramente como alguém que faz contrição de remorso e autorrecriminação em condições normais. Falta a ele, ou pelo menos não aparece nele de um modo notável, a vergonha perante os outros, que seria sobretudo característica dessas condições. No melancólico, quase se poderia destacar o traço oposto, o de uma premente tendência a se comunicar, que encontra satisfação no autodesnudamento (Freud, 2010, 179). “Meu coração está falhando eu vou morrer. Estou passando mal, muito mal eles me matam aos poucos não aguento mais vou me matar na sala dele vou cortar os pulsos quando eles forem ver vai ter sangue por toda parte e vou estar morta...” (Beauvoir, 2010, p. 121).

Deste modo, como nos lembra Kristeva (1989), a dimensão simbólica se revela insuficiente, o sujeito encontra-se de novo na situação sem saída da confusão, que desemboca na inação e na morte. Em outros termos, a linguagem, na sua heterogeneidade revela processos emocionais de desejo, de ódio, de conflitos e de várias questões que no conto continuam em suspenso, sem resolução.

## O Discurso da Maternidade

O discurso da maternidade é recorrente na obra de Simone de Beauvoir; no ensaio *O segundo sexo* (1949), Beauvoir já abordava a maternidade como sendo mais do que um fenômeno biológico, ação de pôr uma criança no mundo ou o ato de ser mãe.

Para a autora, a maternidade pode ser entendida como um fenômeno social e cultural, partindo de que os papéis sociais de mulheres e homens são construídos discursivamente, e destaca que historicamente os discursos religiosos constroem a identidade das mulheres ligada à função materna.

O termo “mãe” se liga ao mito de que a genitora é o tipo preferencial de mãe, aquela que teria dotes naturais para a função. Nesse caso, diz-se, desde o tempo dos impérios, que “Mãe só tem uma” (Iaconelli, 2023, p. 21).

Deste modo, no ensaio de dois volumes, mas especificamente no capítulo “A Mãe”, Beauvoir (1949), se dedica ao estudo dos discursos construídos sobre a maternidade nas sociedades ocidentais e traz à tona a experiência vivida de várias mulheres e mães, localizadas em diferentes espaços geográficos, sociais e etários.

Segundo Banditer (1985, p. 21), por muito tempo, construíram a ideia de “mulher” ligada à função da maternidade, às mulheres foi institucionalizado a função de ser mãe, função fortalecida pelo discurso do existir de um amor materno incondicional e natural, esse amor oriundo de um “instinto materno” direcionado aos filhos.

Nesse sentido, o que se pode afirmar de antemão, é que no plano enunciativo, a maternidade elege “lugares de falas” em que se é permitido determinadas enunciações, e negadas tantas outras.

Beauvoir (1949), em *O Segundo Sexo* desconstrói o mito do amor materno e promove a desromantização da maternidade, vista até então como um aspecto sagrado que trazia vantagens sociais para as mulheres e desmente, o discurso biológico em que conferia às mulheres a maternidade como destino.

Em *Monólogo* (1967), Beauvoir constrói a relação materna envolvendo quatro personagens: Murielle, Sylvie, Francis e a mãe de Murielle, as quatro personagens são figuras antagônicas, e é importante analisar como cada uma delas é construída no conto e atentar-se para o fato que as imagens que temos da mãe de Murielle, de Francis e de Sylvie são totalmente subjetivas, criadas a partir das descrições dadas do ponto de vista e das memórias de Murielle.

Entenderemos como voz enunciativa no conto, a visão de Benveniste (1970), como um processo pelo qual o sujeito discursivo mobiliza a linguagem por si mesmo, converte a linguagem em discurso por meio do uso que o falante faz dela, somatizando-a. Deste modo a maternidade em *Monólogo*, diante da expressão enunciativa de Murielle, é a discursividade da linguagem.

Murielle aqui, é o nosso sujeito do discurso, visto como centro de referência interno, do qual emergem as marcas de pessoa o *eu*, o espaço e o tempo.

Mas será que podemos acreditar nos discursos que são criados por Murielle sobre a sua mãe, a filha Sylvie, e o filho Francis, uma vez que a sua relação com todos está em crise? Além disso, ela cria, através do monólogo, um comportamento escapista, no qual sofre de uma insatisfação com as condições de sua vida e almeja outra realidade, de caráter megalomaníaco e narcísico.

O isolamento social ou o desejo pela morte selam o destino da personagem, embora esteja apenas repetindo o comportamento masculino ao representar uma espécie de feminismo que está implicado no espaço de poder e na posição social que ocupa, que na prática não se opõe.

Podemos perceber a existência de uma mágoa, um rancor contra a mãe, provenientes desde a infância, quando a mãe prioriza os cuidados ao seu irmão Nanard, no conto, representação do gênero masculino:

“Mamãe cuidava muito mal de mim é uma dondoquinha que sussurrava:  
“Então, você gosta do seu maninho?” E eu respondia com toda a calma:  
“Detesto ele.” O frio; os olhos de mamãe (Beauvoir, 2010, p. 92).

Narnad é descrito como essa figura que domina os espaços que ocupa, desde a infância, pelo simples fato de ser homem, o privilégio masculino, que Murielle odeia, e culpa a mãe pela construção do mesmo, embora, divergente dos comportamentos da mãe, a mesma contribui para a repetição de comportamentos relacionados aos papéis de gêneros que são designados na criação de meninos e meninas para agradar ou ser aceita por uma sociedade moralizante.

Por causa dos privilégios de que a mulher reveste os homens, e também dos privilégios que estes detêm concretamente, muitas mulheres desejam filhos de preferências a filhas (Beauvoir, 1949, p. 319).

A mãe de Murielle sonha com um herói, e o herói, Narnad, é evidentemente do sexo masculino. Narnad será um chefe de família, bem-sucedido, um condutor de homens, irá ocupar lugares e poderes que ela não pode, enquanto, Murielle, irá casar-se, um casamento por interesse, buscando a acessão social, deverá ocupar-se da educação dos filhos e do espaço doméstico e nada mais. Em suas palavras “Nanard era o rei” (Beauvoir, 2010, p. 91).

Tomamos patriarcado aqui na visão de Beauvoir (1949), como a manifestação e institucionalização da dominação masculina sobre as mulheres em toda extensão da sociedade. Os homens detêm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e as mulheres são privadas do acesso ao poder.

Deve-se supor que as instituições que detêm o poder se correlacionam para promover uma oposição de gênero entre dominadores (homens) e dominados (mulheres) até as profundezas do corpo social e das famílias, e estas relações na sociedade se revelam ao mesmo tempo, intencionais e até mesmo subjetivas e isto resulta em interferências nas escolhas ou em uma decisão de um sujeito (Foucault, 2019, p. 102-103).

Assim a influência do materno, segundo Jung (2000) pode ser entendido como imagens arquetípicas do eterno feminino no inconsciente de um homem que formam “um elo entre a consciência do ego e o inconsciente coletivo, e abrem potencialmente um caminho para o Si-mesmo” (Jung, 2000, p. 205).

Sobre o arquétipo do feminino da mãe, Jung (2000) afirma que, há traços maternos tanto pelo lado amoroso quanto pelo lado terrível. Para o autor, o arquétipo do feminino da mãe representa o aspecto universal da maternidade como imagem simbólica e relaciona-se com a criação, nutrição, proteção, e amor incondicional.

Murielle busca incansavelmente a busca pela aprovação social do arquétipo da mãe, da boa mãe, responsável principalmente pelos cuidados e educação dos filhos, e é justamente isto que Beauvoir critica e tenta romper nas contradições trazidas pelo inconsciente da personagem.

O devotamento materno pode ser vivido numa perfeita autenticidade, mas o caso é raro, na realidade. De costume, maternidade é um compromisso, de altruísmo, de sonho, de sinceridade, de dedicação, de má-fé, de amor, cinismo e melancolia. “Ninguém deveria ter filhos de um certo modo Dédé tinha razão. Mas se a gente tem é preciso educá-los corretamente” (Beauvoir, 2010, p. 105).

O cuidado das crianças, atribuído como função social às mulheres, é uma estratégia que articula o seu confinamento ao ambiente doméstico, com a reprodução social da força de

trabalho, nas classes populares, e, na burguesia, a reprodução dos costumes e da cultura das classes dominantes (Perrot, 2017, p. 119-120).

Não apenas como ficção, mas o caráter mimético e representativo de Murielle, já está em questão, como Antígona, uma figura feminina que desafia o poder e entra em disputa com valores morais de uma sociedade patriarcal. Beauvoir aponta para as possibilidades políticas que emergem quando os limites da representação e da representatividade são expostos (Butler, 2014).

No entanto, o discurso do amor materno constrói o discurso sagrado da maternidade, a mulher deixa de ser um objeto submetido a um sujeito, não é tão pouco um sujeito angustiado por sua liberdade, é essa realidade equívoca: a vida (Beauvoir, 1949, p. 296). “Uma criança precisa de sua mãe” (p. 90); “Um filho precisa da mãe uma mãe não pode ficar sem seu filho isso é tão evidente que nem com a pior má-fé se pode negar” (Beauvoir, 2010, p. 102).

Mesmo alienada em seu corpo e em sua dignidade social, Murielle não tem a ilusão pacificante de sentir ser em si, um valor completo.

Quando avançamos um pouco mais na vida de nossa protagonista, podemos ver como ela teve dois casamentos frustrados: o primeiro terminou em divórcio após descobrir a infidelidade de seu esposo com sua mãe; e o segundo, nascido de um interesse econômico e estagnado na luta pela guarda legal de seu filho.

“Uma mãe com inveja de sua filha não dá para acreditar. Ela me atirou nos braços de Albert para se livrar de mim mas por outras razões também não eu não quero acreditar nisso. Que maldade ter me empurrado para esse casamento eu tão apaixonada ardente uma chama e ele burguês afetado o coração frio o Peru mole” (Beauvoir, 2010, p. 99).

Embora ao longo do episódio ela se defina como uma mulher forte e diferente e uma mãe invejável, ela fala ao mesmo tempo sobre ser “nada” sem um homem.

Eu deveria contar minha vida. Tantas mulheres fazem isso mandam imprimir fala-se delas elas se pavoneiam e o livro seria mais interessante do que suas imbecilidades; eu sofri mas vivi sem mentira sem afetação; que raiva teriam ao ver meu nome e minha fotografia nas vitrines e então o mundo saberia a verdade verdadeira. Eu teria uma porção de homens aos meus pés eles são tão esnobes a pior bruxa se é famosa eles se atiram sobre ela. Talvez eu encontre um que saiba me amar (Beauvoir, 2010, p. 92).

E continua, “Quando uma mulher é só cospem nela” (p. 96); “Eu quero ser respeitada quero meu marido meu filho meu lar como todo mundo” (p. 96); “Todas essas prostitutas têm um homem para protegê-las garotos para servi-las e eu nada” (Beauvoir, 2010, p. 96).

Murielle, ao longo da narrativa, apresenta um discurso que é influenciado pela sociedade em que vive e com a qual, embora queira, teme romper. Como vemos em muitas ocasiões ao longo da narrativa, ela está assustada e não procura mudar o papel em que é classificada:

(..)então ele sai porta afora e desce os degraus de quatro em quatro enquanto eu grito no vão da escada e eu me contento rápido com medo que os vizinhos me tomem por uma maluca; é tão covarde ele sabe muito bem que eu detesto escândalos eu já tenho má reputação no prédio é claro suas condutas são tão extravagantes – desnaturadas – que algumas das minhas também são (Beauvoir, 2010, p. 102-103).

Voltamos a tratar dos discursos construídos sobre a maternidade, o primeiro consiste em imaginar que a maternidade basta, em todos os casos, para satisfazer a vida das mulheres: não é verdade. É preciso que as mulheres se encontrem numa situação psicológica, moral e material que lhe permita suportar a maternidade.

Ser mãe, é sem dúvida um empreendimento a que se pode validamente destinar, se assim, sonha, mas tal como outras não representa uma justificação em si para a felicidade das mulheres (Beauvoir, p. 324-325).

Em relação aos filhos, como mencionamos, encontramos Sylvie e Francis. Sylvie comete suicídio quando era apenas uma adolescente, o que faz Murielle se sentir culpada. Por outro lado, com Francis, ela mostra uma atitude contraditória: por um lado, ela usa o filho para obter uma pensão de compensação do marido; e, ao mesmo tempo, ela se sente amarrada porque seu ex-cônjuge tem uma estabilidade econômica que confere quase irremediavelmente a custódia legal da criança.

É na linguagem, nos discursos que ela propicia, que estão contidas todas as estratégias pelas quais tanto o “consciente”, como o “inconsciente”, assim pleiteados pela psicanálise, se manifestam na verdade, se constroem, se enunciam e se denunciam.

O relacionamento de Murielle com Sylvie estabelece-se através da perda, a primeira coisa a notar é a culpa que a personagem sente pelo suicídio de sua filha. Embora ela tente se convencer de que não é culpada, a sociedade e sua família a fazem pensar que Sylvie morreu por causa dela, pelo menos é o que ela nos faz acreditar: “Se uma filha se mata a mãe é culpada; é assim que eles raciocinam por ódio da própria mãe” (Beauvoir, 2010, p. 115).

Este é o principal motivo desencadeador da melancolia de Murielle, e que a faz sofrer e se sentir desequilibrada emocionalmente.

Conquanto a linguagem (re) produz a realidade, a forma do pensamento de Murielle é configurada através da linguagem. No *Monólogo*, que Murielle desencadeia a perda toca na existência da maternidade, não apenas no valor que Sylvie tinha para Murielle.

Quando Sylvie morre, a maternidade acaba, deste modo, Murielle busca recuperá-la ao criar ideias de formação e criação com Francis, mas é impossibilitada. “A obra da minha vida volatizada. Sylvie morreu. Cinco anos já. Ela está morta. Para sempre. Não suporto isso” (Beauvoir, 2010, p. 107). E na tentativa de obter o reconhecimento da condição de mãe perante a sociedade, continua: “Vou fazer de Francis um bom menino eles vão ver que mãe eu sou” (Beauvoir, 2010, p. 111).

Em outros termos, Lacan (2003) situa como sendo de responsabilidade da função materna a transmissão de um desejo ao filho que não se configure como anônimo, ou seja, que

remeta a um desejo e uma significação pela existência de seu filho; em outras palavras, que dê nome ao lugar que a criança ocupa para a mãe, uma vez que o filho necessita do laço materno que se apresenta pelos olhares pelo desejo da mãe para sua subjetivação.

Murielle busca recuperar o status de mãe perante a sociedade a todo custo e isso a adoece: “Psicossomático” disse o médico...Uma loucura as perguntas que eu me fazia poderia ter ficado louca” (Beauvoir, 2010, p. 116).

Portanto, podemos inferir que ocorre no conto uma espécie de perda simbólica da maternidade, em que o processo psicológico e social pelo qual Murielle sente que perdeu não apenas o papel de mãe, mas também a identidade e o status social associados a esse papel. Essa perda vai além da ausência física da filha e atinge a percepção que ela mesma tem de si como mulher e do seu lugar na sociedade.

Quando a personagem recapitula através da memória toda a sua história com Sylvie, percebemos a culpa pela partida da filha e o rancor. “Eu a reprimia sim eu era firme...Mas que caráter ingrato! Ela morreu e daí! Os mortos não são santos” (Beauvoir, 2010, p. 99-100).

Podemos inferir, assim como Freud (2010, p. 171), que o luto é a reação a perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal e etc. “Sylvie Sylvie por que você fez isso comigo?” (p. 114). “Abro o álbum de fotografias vejo todas as Sylvies!” (p. 114). “Fui a melhor das mães! Você teria me agradecido mais tarde!” (Beauvoir, 2010, p. 114).

O motivo de seu suicídio é desconhecido, em nenhum momento Beauvoir explicita o motivo da adolescente tirar a própria vida, pois o que ela busca é focar no sentimento causado pelo fato de uma mãe perder drasticamente a filha.

A partida de Sylvie rompeu o laço construído socialmente de mãe, agora que tipo de mãe Murielle seria dentro da sociedade patriarcal, qual seria o sentido da sua vida?

Para a psicanálise a única forma de superar esse luto narcísico é a perda de si, a morte. Murielle não sai da perda, o luto da personagem não transcorre estágios, ela fica apegada ao que perdeu com a morte de Sylvie, ela mesma.

É importante observar o desdobramento complexo da narrativa (do texto), no qual segundo Bertrand (2003), há a multiplicação de simulacros, da figura do sujeito, daquilo que o forma, e o exibe, mas também daquilo que dissimula e o apaga.

## Conclusão

A análise do conto *Monólogo*, de Simone de Beauvoir, revela uma profunda exploração da subjetividade e da melancolia, oferecendo uma visão crítica e multifacetada sobre a maternidade e a condição feminina. Por meio da narrativa de Murielle, Beauvoir nos apresenta um retrato cru e visceral da experiência feminina, onde a melancolia emerge como uma força central, moldando tanto a psique da protagonista quanto a estrutura da narrativa.

O uso do fluxo de consciência, caracterizado pela ausência de pontuação e pela estrutura desordenada, não é meramente um recurso estilístico, mas sim um reflexo da desintegração emocional e da crise existencial de Murielle. A escolha por um monólogo interior fragmentado

permite que o leitor mergulhe na mente da protagonista, revelando suas frustrações, solidão e o impacto devastador da perda e das relações tumultuadas em sua vida.

A narrativa de Beauvoir não busca apenas representar a realidade objetiva, mas sim captar a complexidade do estado psicológico de Murielle. A melancolia, como descrito por Freud e Kristeva, é central para entender o estado emocional da protagonista, manifestando-se não apenas em seus pensamentos e sentimentos, mas também na forma como ela percebe e interage com o mundo ao seu redor.

Beauvoir, ao utilizar o monólogo interior, nos oferece uma janela para a subjetividade de Murielle, evidenciando como a experiência da maternidade e as relações interpessoais moldam sua identidade e seu sofrimento. A técnica narrativa serve para intensificar a sensação de alienação e desespero da protagonista, permitindo uma compreensão mais profunda das suas angústias e das suas tentativas frustradas de escapar do ciclo de dor e solidão.

Além disso, podemos observar como o desejo e as relações de poder influenciam a construção da subjetividade de Murielle. A protagonista, lutando contra uma realidade que a opprime, busca incessantemente um sentido e um controle que parecem sempre escapar de suas mãos. O discurso melancólico e a linguagem fragmentada refletem essa busca e o fracasso em alcançar uma resolução satisfatória.

Em suma, *Monólogo* é uma obra com uma narrativa inovadora, ao mergulhar na melancolia e na subjetividade da personagem Murielle, Beauvoir explora como o sofrimento pessoal pode influenciar e transformar a percepção da realidade. Este conto não apenas enriquece nossa compreensão da obra de Beauvoir, mas também oferece uma reflexão sobre a luta contínua para encontrar significado e identidade em um mundo muitas vezes indiferente e opressivo.

## Referências

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

AUERBACH, Erich. A meia marrom. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis*: a representação da realidade na literatura ocidental. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BADINTER, E. (1985). *Um amor conquistado*: o mito do amor materno (M. L. X. de A. Borges, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1980).

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. M. Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. *La femme rompue*. Paris: Éditions Gallimard, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. *A mulher desiludida*; tradução de Helena Silveira e Maryan A. Bon Barbosa. -2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BEAUVIOR, Simone de. (1949). *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVIOR, Simone de. (1949). *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. De Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BENVENISTE, Emile. L'appareil formel de l'énonciation. In : *Langages*, 5<sup>e</sup> année, n. 17, 1970.

BOWLING, L. E. *What is the Stream of Consciousness Technique?* PMLA, vol. 65, nº 4, 1950, pp.333-345.

BUTLER, Judith. *O Clamor de Antígona*: o parentesco entre a vida e a morte. Florianópolis, Editora da UFSC, 2014.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária*. São Paulo, Pioneira, 1981.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru. SP: EDUSC, 2003.

ESMERALDO, Lucas Kadimani Silva. *Lugar de Fala e Lugar do Tradutor*: Uma Retradução de La Femme Rompue de Simone de Beauvoir. Brasília, 2022. 200 p. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução) - Universidade de Brasília, 2022.

FREUD, S. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, S. *Obras completas*: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.

FRIEDMAN, Norman. *O ponto de vista na ficção. O desenvolvimento de um conceito crítico*. Trad. Fabio Fonseca de Melo. In: Revista Usp. São Paulo, n. 53. pp. 166-182, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. 9<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro /São Paulo, Paz e Terra, 2019.

IACONELLI, vera. *Manifesto antimaterno*: Psicanálise e políticas de reprodução. 1<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

JUNG, C. G. *A natureza da psique*. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. VIII/ 2. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Obras Completas, Vol. IX/I), 2000.

KEHL, M. R. Melancolia e criação. In.: *Sigmund Freud, Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

KIRKPATRICK, Kate. *Simone de Beauvoir: uma vida*. Trad. Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

KRISTEVA, J. *Sol negro: depressão e melancolia*. Trad. Carlota Gomes. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. (2003). Nota sobre a criança. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969).

LACAN, Jacques. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 11: Os quatro conceitos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 10ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2022.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Editora Paz e Terra, 2017.

SILVA, T. T. (Org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis: Vozes, 1998.

**Data de submissão:** 01/09/2024

**Data de aceite:** 15/04/2025